

Tomás de Aquino - "Sobre o amor de Deus"

Introdução e tradução: Jean Lauand

O *De Dilectione Dei* é um texto chave para a compreensão da proposta de educação da vida interior em Tomás de Aquino.

O *De Dilectione Dei* indica as quatro condições para que se possa dar o amor a Deus: memória de seus benefícios, consideração de sua excelência, renúncia ao que é mundano e determinação no amor. A seguir, o Aquinate faz interessante análise semântica sobre os quatro conceitos antropológicos envolvidos no mandamento bíblico do amor a Deus: coração, alma, inteligência e força.

O fundamento para essas análises é, sobretudo, a Bíblia, que Tomás esgrime com extrema simplicidade e profundo conhecimento.

SOBRE O AMOR DE DEUS ⁽¹⁾

Quando os doutores da Lei, antes da Paixão, perguntaram a Cristo qual era o primeiro e o maior mandamento, Ele respondeu: "Amarás o Senhor teu Deus com todo teu coração, com toda tua alma e com toda tua inteligência: este é o maior e o primeiro mandamento" (Mt 22,37-38). E, na verdade, como é muito evidente, este é o maior, o mais nobre e o mais útil dentre todos os mandamentos. Nele, todos os outros se consumam.

Mas, para que se dê pleno cumprimento desse mandamento do amor, quatro condições são necessárias.

A primeira é a recordação dos benefícios divinos, porque tudo o que temos - quer seja a alma, ou o corpo, ou os bens exteriores - recebemos de Deus. E, assim, devemos em tudo servi-lo e amá-lo com todo o coração. Pois seria extremamente ingrato quem, considerando os benefícios que alguém lhe tivesse feito, não o amasse. É deste reconhecimento que fala Davi: "Tuas são todas as coisas e o que te oferecemos é o que de tua mão recebemos" (I Cn 29,14). E, assim, diz o Eclesiástico em seu louvor (47,8): "De todo seu coração louvou o Senhor e amou a Deus que o fez".

Em segundo lugar, está a consideração da divina excelência. Pois Deus é maior do que o nosso coração (cfr. I Jo 3, 20). Daí que, mesmo que o amemos com todo nosso coração e forças, ainda não é o bastante. Diz o Eclesiástico (43, 30): "Glorificai a Deus o quanto possais, Ele ainda ultrapassa essa glória. Bendizei a Deus e o exaltai o quanto possais, Ele ainda é maior do que qualquer louvor".

Em terceiro lugar, está a renúncia ao que é mundano e terreno. Grande injustiça comete contra Deus quem o equipara a alguma coisa. "A quem me equiparais?" (Is 40,18). E nivelamos Deus com outras coisas quando pretendemos amá-lo como ao temporal e corruptível: o que é absolutamente

¹. O texto latino encontra-se em *S. Thomae Aquinatis: Opuscula Omnia cura et studio R.P. Petri Mandonnet, vol. IV, Paris, Lethielleux, 1927, pp. 419-422*). O *De dilectione Dei* é parte do opúsculo *De duobus praeceptis charitatis et decem legis praeceptis*.

impossível. E por isso diz Isaías (28,20): "A cama é estreita e nela não cabe outra pessoa; o cobertor é curto, não abriga dois". O coração humano é comparado à cama estreita e à coberta curta, pois o coração humano é pequeno para Deus: quando acolhe qualquer outra coisa, expulsa-o. Deus não aceita compartilhar, do mesmo modo que um esposo com relação a sua esposa. E assim diz Ele no livro do Êxodo (20,15) : "Eu sou teu Deus ciumento". E não quer que amemos nada tanto quanto a Ele, nem outra coisa fora dEle.

Em quarto lugar, a aversão a todo pecado. Pois ninguém pode amar a Deus persistindo no pecado: "Não podeis servir a Deus e a Mamom" (Mt 6,24). Não ama a Deus quem permanece no pecado, mas sim aquele que dizia: "Lembra-te como caminhei diante de ti no caminho da verdade e da perfeição do coração" (Is 38, 3). "Até quando - pergunta Elias (I Re 18,21) - coxeareis com os dois pés?" Como quem coxeia, pendendo ora para um lado, ora para o outro, assim o pecador: ora peca, ora quer procurar a Deus. E como diz o Senhor (Joel 2, 12): "Convertei-vos a Mim de todo vosso coração". E contra este preceito pecam dois tipos de homens: os que, evitando um pecado - por exemplo, o de luxúria -, cometem outro, como o da avareza. Condenam-se, no entanto, do mesmo modo, pois "quem fere a um só preceito, faz-se réu de todos" (Tg 2,10). Outros há que confessam parte de seus pecados e não confessam outra parte, ou repartem sua confissão entre diversos confessores. E, assim procedendo, não só não merecem a absolvição, mas cometem novo pecado: pretender enganar a Deus e produzir uma divisão no sacramento. Quanto ao primeiro caso, diz alguém: "É ímpio esperar de Deus a metade do perdão" ⁽²⁾; e, do segundo, diz o Salmo (62,9): "Derramai diante dEle vosso coração", indicando, portanto, que tudo deve ser revelado na confissão.

Já mostramos que o homem deve dar-se a Deus; consideremos, agora o que deve ele dar de si a Deus. São quatro coisas: coração, alma, inteligência e força.

². Esta sentença é, em outra passagem (*Summa Theologiae* III,70,4), atribuída por Tomás a S. Agostinho (*ut Augustinus dicit*).

"Amarás o Senhor teu Deus com todo teu coração, com toda tua alma, com toda tua inteligência e com toda tua força" (Mc 12,32). Deve-se saber que, por coração, entende-se aqui intenção. A intenção é tão importante que dela depende toda a obra. Daí que qualquer bem feito com má intenção torna-se mal: "Se teu olho - isto é, a tua intenção - for mau, todo teu corpo será trevas" (Lc 11,34), ou seja, o conjunto de tuas boas obras será tenebroso. A intenção de todas as nossas obras deve, portanto, ser posta em Deus: "Quer comais, quer bebais, quer façais qualquer outra coisa, fazei tudo pela glória de Deus" (I Cor 10).

A boa intenção, porém, não basta; é necessário também que haja boa vontade, que é o que se expressa por alma. Pois é freqüente que alguém aja com boa intenção, mas em vão, por faltar boa vontade. Como no caso de alguém que furtasse para alimentar um pobre. A intenção é reta, mas falta a devida retidão da vontade. Não se escusa mal algum cometido com boa intenção, conforme diz a Epístola aos Romanos (3,8): "É justa a condenação dos que dizem: <<Façamos o mal para que advenha o bem>>".

Mas a boa vontade da intenção ocorre quando a própria vontade está de acordo com a vontade divina, que é o que pedimos cada dia ao rezarmos: "Seja feita a Vossa vontade...". E diz o Salmo 39: "Eis que venho, ó meu Deus, para fazer tua vontade". E desse modo se diz: "Com toda tua alma". Pois alma, nas Sagradas Escrituras, freqüentemente significa vontade, como na Epístola aos Hebreus (10,38): "Se se esquivar, não agradará a minha alma", isto é, "minha vontade".

Mas pode ocorrer que, mesmo havendo boa intenção e boa vontade, dê-se algum pecado na inteligência. Por isso deve-se também dar a Deus "toda a inteligência": "Reduzir a cativo toda a inteligência para a obediência de Cristo" (II Cor 10,5). Na verdade, há muitos que não pecam por obras mas, freqüentemente, aplicam sua vontade a ruminar os pecados em seu pensamento. Contra estes volta-se Isaías (1,16): "Suprimi o mal de vossos pensamentos". Uma vez que muitos confiam em sua sabedoria e não querem assentir às verdades de fé: esses são os que não dão sua inteligência a Deus. Contra eles, diz também o livro dos Provérbios (3,5): "Não te fies em tua inteligência".

Isto ainda não é suficiente, pois é necessário dar a Deus todo nosso poder, toda nossa força. "Senhor, tu és a cidadela de minha força" (Sl 59). Alguns empregam sua força para pecar e nisto manifestam seu poder. Deles diz Isaías (5,22 e ss.): "Ai de vós, campeões da bebedeira etc.". Outros mostram sua força prejudicando o próximo, quando deveriam mostrá-la socorrendo-o: "Livra da morte aquele que vai perecer" (Prov 24,11).

Logo, para amar a Deus, é necessário dar-lhe a intenção, a vontade, a inteligência e a força.